

ESCOLA NORMAL JOÃO PESSOA: FORMAÇÃO DO PROFESSORADO EM CAMPINA GRANDE (1928-1942)

RESUMO: A Escola Normal João Pessoa trabalhava, nas décadas de 1920 a 1940, com a formação de professores em Campina Grande-PB. Neste artigo, buscamos elaborar uma faceta da história dessa instituição a partir do que anunciam suas fontes – a Revista e o Jornal Evolução, dando ênfase desde as discussões relacionadas ao currículo às questões que envolvem sua cultura escolar. Escola anexa ao Instituto Pedagógico, educandário de referência em modernidade pedagógica na cidade, esta escola articulava em seus preceitos os valores e as propostas pedagógicas que circulavam nacionalmente, voltadas ao estímulo patriótico e às premissas higiênicas, dando ensejo a uma educação nacionalista e sanitária.

Palavras-chave: Escola Normal, educação patriótica, higiene.

1 Introdução

Acredito que o leitor possa estar esperando neste artigo toda uma discussão voltada à feminização do magistério, como tão bem realizaram autores como Almeida (2006) e Kulesza (2014), entre outros, que enfatizaram a formação da mulher professora para uma nova ordem social, pautada em saberes higiênicos, patrióticos e morais que estiveram no pano de fundo da construção das escolas normais brasileiras. Conduzindo essas questões a partir do currículo, do método desenvolvido e das legislações, a maioria desses autores também discutiu a proposta republicana e a remodelação da formação dos professores nas escolas normais, problematizando o potencial de redenção escolar devotado às mulheres pela pureza e amor que lhes seria natural e, apresentando a “[...] retrospectiva edificada em torno da educação das mulheres e da inserção feminina no magistério como resposta às demandas do projeto liberal republicano de universalizar a escolaridade” (ALMEIDA, 2006, p. 63). Remanescente dos oitocentos, a imagem de “professora/mãe/tia” persiste nos séculos posteriores, repetindo a premissa de adequação “natural” da mulher para a educação infantil.

No entanto, para compor este artigo trabalhamos essas questões de forma diferenciada, uma vez que pensamos em discorrer mais livremente sobre a Escola Normal João Pessoa, deixando-a

aparecer a partir de suas fontes¹. Escola anexa ao Instituto Pedagógico, esse espaço de formação docente detinha uma cultura escolar muito própria, que obedecia aos ditames pedagógicos do tenente Alfredo Dantas², diretor do Instituto. Fundado por ele em 17 de fevereiro de 1919, o Instituto era concebido como uma escola modelar por trabalhar com as “Escolas Anexas”³ e com os ensinos primário e secundário, tornando-se o primeiro estabelecimento de ensino que conferiu títulos técnicos profissionais no interior da Paraíba. Existente e vivo até os dias atuais, agora como Colégio Alfredo Dantas (CAD), o Instituto Pedagógico foi também a primeira escola particular da cidade a ser referenciada com uma modernidade pedagógica, pautada nos ideais escolanovistas e em um método ativo.

Dentro desse contexto, produziremos uma faceta da história da Escola Normal campinense, conduzindo o olhar do leitor para perceber os processos pedagógicos e o currículo dessa instituição, mas também levá-lo a estar inteirado do cotidiano escolar e das representações docentes que ela instituiu.

2 “João Pessoa”: símbolo da educação escolar

Criada em 1928, a Escola Normal João Pessoa⁴ foi fundada pela professora Otilia Sampaio Xavier. Recebeu esse nome em homenagem ao então presidente da Paraíba na época, por vê-lo como “[...] <Símbolo> do dever e da justiça, o exemplo vivo e dignificante dos nossos costumes, o “Padrão Cívico” da nova geração brasileira...” (Revista Evolução, n. 1, 1931, p. 8). Com o intuito de prestar um tributo e “[...] póstuma gratidão ao inolvidável benfeitor daquele curso, os dirigentes do <Instituto Pedagógico>, com o seu corpo docente, por unanimidade de votos, o instituíram como paraninfo da Escola Normal, anexa ao referido educandário: – João Pessôa” (idem). A revolução de 1930, a heroificação de João Pessoa e as novas ações desenvolvidas durante o governo de Getúlio Vargas foram temas recorrentes nos impressos escolares, que davam ensejo à presença desses “heróis” na constituição de uma memória escolar.

Tal como demonstra Ribeiro (2009), a história da produção, circulação e percepção simbólica da imagem do presidente João Pessoa obteve apoio dos veículos de comunicação (imprensa e revistas

¹ Entre as fontes mais consultadas estão a “Revista Evolução” e o “Evolução Jornal”, impressos pedagógicos produzidos pelo Instituto Pedagógico. A revista circulou entre os anos de 1931 e 1932, em tiragem mensal. Já o jornal possui duas versões, a primeira que circulou entre os anos de 1934 e 1935 e a segunda de 1958. Ambas as fontes estão digitalizadas e acessíveis no seguinte repositório digital: <www.cchsa.ufpb.br/heb>.

² Segundo o *Memorial Urbano de Campina Grande* (1996), Alfredo Dantas Correia de Goes nasceu em Teixeira (PB) em 17/11/1870. Filho do Dr. Manoel Dantas Correia de Goes, presidente interino da Paraíba em 1889, casou-se com Ana de Azevedo Dantas (Yayá). Faleceu em 19/02/1944, de câncer.

³ Além da Escola Normal João Pessoa eram, também, escolas anexas ao Instituto: Escola de Instrução Militar General Pamplona e o Curso Comercial Propedêutico e Peritos Contadores.

⁴ Este curso Normal se equipara à Escola Normal do Estado pelo Decreto n.º 1.615, de 9 de dezembro de 1929.

locais) para a perpetuação de uma história pautada no heroísmo do político, mas também de instituições sociais que conferiam a ele a condição de mártir. Não diferentemente acontece com a Revista Evolução, que em suas diversas versões trouxe artigos que dão um cunho de sacralização aos eventos que marcaram a vida desse personagem político paraibano, convocando os/as alunos/as a se espelharem em seus exemplos.

A memória do presidente João Pessoa

Não é preciso mais definir quem transpôs o limiar da Glória. Não é mais necessário falar de um morto, hoje, redívivo. Nem dizer a razão de uma homenagem póstuma ao magno Presidente João Pessoa. Elle já subiu tanto que seria preciso dizer: regressa a terra, nume cívico, aproxima-te mais um pouco para que te não percamos de vista. Digna-te vir aos pequeninos que nas escolas carecem de tua assistencia, como a tenra planta dos raios solares. Tu, que não cabe no Brasil, tão grande és que te fizeste magno entre os maiores e mínimo entre os pequeninos! (Revista Evolução, n. 1, 1931, p. 10).

Morto estava o presidente, mas sua imagem viva permanecia nas páginas da Revista Evolução, nas paredes do Instituto Pedagógico pela Escola Normal João Pessoa e nas falas das normalistas que convocavam a mocidade campinense a “[...] seguir o exemplo do nosso querido presidente João Pessoa, que tanto elevou a Paraíba” (Maria das Dores Souza, Revista Evolução, n. 2, 1931, p. 19). Mensagens como essas comprovam o quanto as escolas particulares também foram utilizadas como veículos de propagandas políticas, que por meio de seus impressos orientavam/manipulavam os leitores a se posicionarem nas contendas políticas que marcavam a atuação do presidente.

Ainda em vida, em 1942, deu o tenente-diretor um novo nome ao Instituto, que passaria a se chamar Ginásio Alfredo Dantas. Seu interesse estava na continuidade de uma “obra” iniciada por ele e que carregaria o seu nome em todas as instâncias das escolas anexas. Nesse mesmo período, a Escola Normal João Pessoa perderia o nome de seu homenageado, passando a compor uma modalidade do Ginásio, sendo chamada apenas como Curso Normal.

3 O currículo e as/os professoras/es da Escola Normal

Apesar de seguir uma linha evolutiva que admitia as mulheres nos meios antes dedicados apenas para homens, a educação feminina promovida pelo Instituto Pedagógico ainda parecia ser vista com cautela. Algumas das disciplinas ofertadas referendam a preparação da mulher para o lar e para o casamento, instruindo-a para a administração da família. Outras, por sua vez, já remontam a elaboração e aquisição de um conhecimento próprio para a formação dos futuros cidadãos brasileiros:

Disciplinas	Professores
Francês	Prof. Manoel de Almeida Barreto
Português	D. Zeferina Ramos e D. Otilia Sampaio Xavier
Matemática	Prof. João Ferreira e Silva
Geografia e Corografia	D. Esther de Azevedo Nascimento
Desenho e Pintura	D. Maria Amenaide Pimentel
Musica e Canto Coral	D. Flavia Schuler
Trabalhos Manuais	D. Dulcelina Falconi de Carvalho
Ginastica	Sgto. Moisés de Araújo
História da Civilização e do Brasil	Dr. Luiz Marcelino de Oliveira
Física e Química	Dr. Paulo Galvão
Pedagogia, Pedologia e Metodologia Didática	D. Francisca de Amorim
Higiene	Dr. Antonio Cabral

Fonte: Quadro elaborado pela autora por meio de dados obtidos no Acervo do Colégio Alfredo Dantas.

Nagle (2009, p. 239) explica que, na década de 1920, houve um período de intensas transformações na composição curricular das escolas normais, em que “A ‘velha’ escola normal já não atendia mais, com sua falta de conteúdo especial, às novas exigências propostas pela escolarização; as escolas normais existentes constituíam um curso de ‘humanidades’ de segunda classe”. O autor aponta que as mudanças ocorridas no currículo da escola, a partir de então, surgiam com vistas a erigir uma “moderna escola normal”, aumentando os níveis de exigência para o ingresso nessa modalidade de ensino e associando seu conteúdo ao da escola secundária. Mas também empreendendo esforços para implantar um curso de natureza profissional, com disciplinas específicas próprias para a área do magistério⁵.

Na Revista do Ensino⁶, Manuel Florentino aponta uma proposta mais aconselhável de programa de ensino para a Escola Normal, destacando que “[...] Nos Estados brasileiros, sobretudo do Norte, o professor primario [...] deve ser um desbravador, um pioneiro munido de conhecimentos praticos, capaz de inculir nas gerações novas um conhecimento do trabalho diverso” (Ano III, n. 8 e 9, março de 1934, p. 66). Dividindo a carga horária das disciplinas por anos, número de aulas e horas semanais, o professor acentua a importância dos ensinamentos de Português, Artes e Ofícios, Música e Desenho em cinco anos, enquanto Ciências e Matemática teriam a formação em três anos; já História, Psicologia, Geografia e Educação Sanitária seriam lecionadas apenas em dois anos. Disciplinas como História da Educação, Prática de Ensino e Francês ou Inglês um ano de formação já seria suficiente⁷.

⁵ Nesse âmbito, Nagle (2009, p. 240) cita que deveria haver um conteúdo de preparo técnico pedagógico, que melhor processasse a profissionalização do curso normal, com a implantação de disciplinas específicas de “Anatomia e Fisiologia humanas, Pedagogia, História da Educação, Sociologia e, especialmente, Psicologia”. Destas, apenas a Pedagogia compõe a grade de disciplinas da Escola Normal João Pessoa.

⁶ Revista digitalizada e disponível no seguinte endereço eletrônico: <<https://issuu.com/revistadoensino>>.

⁷ Para Manuel Florentino, deveriam ser ministrados na disciplina de “Artes e Ofícios” conteúdos como o fabrico de brinquedos, as artes domésticas e os trabalhos de horta e criação de animais. Tais estudos habilitariam o aluno às questões econômicas, proporcionando-lhe um sustento. Já na disciplina de “História” o professor indica o estudo do progresso da humanidade; e na disciplina de “Educação Sanitária” sugere o estudo da Higiene e a arte da enfermagem. (Revista do Ensino, Ano III, n. 8 e 9, março de 1934, p. 67).

Porém, o professor Florentino alerta que esse programa só adquiriria êxito quando relacionado a uma:

a) Instalação completa das escolas; b) Professorado competente e c) Criação de filmotecas regionais, com a padronização dos filmes didáticos (idem, p. 69). Nesse âmbito, Kulesza (2014, p. 3.762) ainda esclarece que:

A Escola Normal que começara com 2 a 3 anos de duração e com 2 a 3 aulas diárias, funcionará em 1930 com 4 a 6 horas de aula diárias e com 5 anos de duração. Concomitante com essa elevação na carga horária, as escolas diminuiram a idade mínima de ingresso de 15 para 12 anos em média. O aumento do número de aulas foi necessário não só para acomodar novas disciplinas instrumentais para o exercício da profissão (como desenho e higiene), mas também para atender ao incremento da carga horária das disciplinas de formação geral (como português e matemática), embora seja perceptível uma tendência de maior profissionalização do currículo no período considerado. De modo geral, nota-se no decorrer do tempo um desprendimento das metodologias de ensino, de início solidamente integrado às disciplinas tradicionais, para as aulas práticas e, eventualmente, sua autonomização como disciplinas específicas no currículo.

Para o autor, a disciplina de Pedagogia estava antes dedicada ao funcionamento do ensino primário, incorporando mais tarde elementos de educação moral e cívica. Com a inclusão da Pedagogia, e de seu estudo sistemático sobre o desenvolvimento da criança, a Pedagogia ganha um cunho mais científico. Também destinadas à prática de ensino, justamente associada à Didática, essas disciplinas estavam especificamente voltadas à formação profissional dos/as normalistas, dando-lhes uma habilitação pedagógica⁸. Talvez por isso essas disciplinas fossem ministradas concomitantemente na Escola Normal João Pessoa.

Segundo o Relatório de Hildebrando Leal, em 1939, 495 alunos/as estavam matriculados no Instituto Pedagógico, destes 51 eram alunas da Escola Normal. Número relativamente pequeno para a quantidade de professores no quadro descrito. Os anos anteriores também conferiram um número relativamente pequeno de diplomas, sendo em “[...]1932: oito (8); 1934: dezenove (19); 1935: treze (13); 1936: treze (13); 1937: cinco (5); 1938: dois (2), e, 1939: onze (11)” (Acervo do Colégio Alfredo Dantas, 24 de outubro de 1940). Esses números revelam que a Escola Normal João Pessoa ainda dava os seus primeiros passos em Campina Grande, formando um acanhado número de professoras na cidade. Isso poderia ser justificado pelo período destinado à formação dessas docentes, que tinham os turnos da manhã e da tarde como os horários de aula, compreendendo o que hoje denominamos de horário integral.

⁸ Nagle (2009) aponta a existência de três categorias de ensino na Escola Normal do Distrito Federal e de Pernambuco: 1.^a Formação de professores para a regência de cursos rurais; 2.^a Curso Normal de Primeiro Grau; 3.^a O ensino normal nas escolas de segundo grau. Esse último contava com três cursos: o de adaptação (dois anos), o preparatório (três anos) e o de aplicação (dois anos). Analisando a Escola Normal João Pessoa sob esse modelo, acreditamos que ela compunha a terceira categoria, quando o Curso Normal existia em escolas de segundo grau, pois nas fontes consultadas não encontramos qualquer menção referente aos cursos de adaptação, o preparatório e o de aplicação.

Os exames avaliativos realizados por essa escola anexa se dividiam em “exames de passagem” e “exames finais”. As discentes aprovadas tinham seus nomes e as notas conquistadas publicadas na Revista Evolução. Em pesquisas observamos que essa prática de publicar os resultados dos exames em impressos jornalísticos parecia ser comum no Brasil republicano, por corresponder a um ato público que tornava legítimas as aprovações. Nesse período, também era comum encontrar conceitos como “simplesmente”, “plenamente” e também “aprovação com distinção” para definir o nível da aprovação nesses exames. Era assim que as notas eram transformadas em conceitos na Escola Normal João Pessoa.

Tais exames expressavam a capacidade provada das alunas “[...] em concursos rigorosos com programas que abrangem conhecimentos exigidos para um bom docente primário” afinal “a bôa escola retrata a fisionomia didática do mestre” (Revista Evolução, n.3, 1931, p. 22). No aspecto didático, os conhecimentos adquiridos deveriam trazer a marca da Escola Nova, que em princípios guiava a vida da normalista já formada em suas salas de aula. Eram apenas por estes postulados que “[...] o aviltamento moral e material da escola colocava o professor primario paraibano ao lado dos seus congêneres no paiz, que, neste momento empenham-se na cruzada nobilitante de salvar a instrução primaria brasileira das idéas retrogradadas em que vivia” (Revista do Ensino, Ano III, n. 8 e 9, março de 1934, p. 58).

A disciplina de Trabalhos Manuais referenciava enfaticamente o universo feminino, pois se voltava aos trabalhos com agulha, como o “richelieu” e o “bordado matis”. Segundo a orientação do Sexto Congresso Nacional⁹ os trabalhos manuais deviam abranger determinadas artes e indústrias, tendo como finalidades o desenvolvimento da agilidade e o estímulo às prendas domésticas. Aliado à Ginástica, os trabalhos manuais também educavam o corpo, promovendo o desenvolvimento de um ofício. As exposições de trabalhos manuais e prendas domésticas das alunas do Instituto Pedagógico eram relatadas com esplendor e publicadas na Revista Evolução.

Tais exposições eram substanciadas tanto pelos trabalhos das meninas quanto dos meninos. Em artigo citado na Revista, temos que “Dentre os do sexo masculino, se destacou em execução de encadernação e trabalhos a gesso, o aplicado aluno, Raymundo Suassuna” (idem). Bem distinto dos trabalhos domésticos, os homens vivenciavam, principalmente nas Escolas do Comércio e General Pamplona, outros tipos de formação. Para Souza (2006, p. 70), “A educação, que se pretendia igual para os dois sexos, na realidade diferenciava-se nos seus objetivos, pois, de acordo com o ideário social, o trabalho intelectual não devia fatigar o sexo feminino, nem se constituir num risco a uma constituição *frágil e nervosa*”.

⁹ A Revista do Ensino (Ano III, n. 8 e 9, março de 1934, p. 9) anuncia a realização desse congresso entre os dias 2 e 10 de março, na cidade de Fortaleza. Nessa ocasião foi apresentada e aprovada a proposta de um programa de ensino padrão para a Escola Normal, elaborada por Manuel Florentino.

Essa questão de gênero que perpassa a formação das profissões pelas escolas anexas ressalta que a educação elementar era fornecida para ambos os sexos, enquanto a habilitação profissional estava reservada a sexos diferentes, com o ensino ofertado pela Escola Normal, em sua maioria, voltado para as mulheres. Entre as mães e as tias/professoras as mulheres eram alocadas estrategicamente em papéis sociais.

No currículo da escola normal paraibana desde os novecentos também estava a disciplina de Ginástica, primeiramente implantada para aperfeiçoar o físico, a moral e o intelecto do professorado em formação, sem necessariamente integrar o exercício futuro do magistério (VAGO, 2010). A foto a seguir demonstra uma aula de Educação Física comandada pelo sargento Moisés de Araújo.



Fonte: Revista Evolução, n. 1, 1931, p. 21.

Para Vago (2010), constituía a Ginástica a categoria de exercícios práticos, juntamente com os trabalhos manuais, a economia doméstica e as evoluções militares. Por adquirir um ritmo militar, dentro de uma escola gerida por um ex-oficial do exército, essa disciplina tinha especial importância no currículo da escola normal campinense¹⁰. Colocado como estabelecimento pioneiro em oferecer essa modalidade na cidade, o Instituto era representado, nessas discussões, pela professora Francisquinha Amorim¹¹, que lutava pela causa feminina em Campina Grande. Nas questões referentes à “Cultura Física” para mulheres, ela abordava:

Em todos os meios adiantados, já foi provada a grande importância da cultura física, porem em Campina Grande, cidade leader do interior do Nordeste Brasileiro, esta verdade ainda não está evidente. Nossa gente tem ojeriza a tudo que se relaciona a esta instrução, para o sexo feminino. E’ tachada de leviana, de fútil, e, até de louca, a jovem adepta dos esportes. Há quem censure a educação do ‘Instituto Pedagógico’,

¹⁰ Em Campina Grande, foi necessário um grande esforço para a realização dos exercícios de Ginástica. O Instituto não possuía um lugar adequado para a prática de esportes e utilizava o campo “13 Futebol Clube” para a realização destas atividades.

¹¹ Irmã de Apolônia Amorim, colocada como uma das precursoras das práticas da Escola Nova em Campina Grande. “Nasceu nos fins do século XIX em Barra de Santana, atual município de Cabaceiras e faleceu em 01/06/1949. Foi mulher à frente de sua época. Foi pioneira na educação infantil, fundando o primeiro Jardim de Infância de Campina Grande. Era também professora do Grupo Escolar Sólon de Lucena.” (Memorial Urbano de Campina Grande, 1996, p. 45-46).

porque neste estabelecimento a ginastica (um dos fatores da saúde humana) e outros exercícios físicos, fazem parte integrante de seus programas de ensino. Convém que se compreenda o triplice valor desta disciplina. O cérebro é o reflexo do corpo; aquele só funciona bem, si este for vigoroso. Existe um princípio psicológico que reza: <um espírito são, em um corpo são>. (Revista Evolução, n. 3, 1931, p. 26).

A professora Francisquinha foi uma notável e árdua advogada da causa feminina, defendendo que “Além da ginastica que deve educar sem coagir, temos os jogos, corridas e etc., que servem para desenvolver espontaneamente as atividades das meninas e das moças, os quais oferecem ótima oportunidade de se conhecer a personalidade de cada uma” (Revista Evolução, n. 3, 1931, p. 26). Ainda nessa perspectiva, ela cita em artigo que discute a “Educação feminina no Brasil”:

Entre nós, infelizmente, ainda não se cogitou de dar à mulher uma educação que a prepare para desempenhar a missão importante na terra. Nossa instrução é muito diferente, mercê dos poderes públicos e dos preconceitos tolos dos pais de família. Entendem aqueles que, a mulher só tem utilidade no lar; pensam estes, a moral de suas filhas será abatida, si ellas exercerem um emprego fóra de suas vistas. E por isto, aqui mal se educa a jovem para ser esposa ou irmã, nunca porem para ser viuva, solteira ou divorciada. [...] Urge libertamos a mulher da ignorancia, da miseria, e eleva-la de escrava, à companheira e competidora do homem. Ao lado deste poderá ela ter uma papel mais evidente. Queremol-a apta para exercer qualquer profissão liberal ou manual. (Francisquinha Amorim, Revista Evolução, n. 1, 1931, p. 6).

Criticando situações que aprisionavam a mulher a uma cultura patriarcalista e machista, a professora Francisquinha Amorim anunciava que “Comumente, as moças mais cultas estudaram um pouco a Língua Materna, Inglês, francês, pintura e música, sempre para ornamentarem o espírito, jamais para fazerem disso uma profissão” (Revista Evolução, n. 1, 1931, p. 6). Essa atitude constituía um grave problema, pois abandonaria a mulher brasileira na função de “[...] parázita, embora disto venham efeitos muito desagradáveis” (idem). Se da mulher era cobrada a missão de educar a nova nação, destiná-la ao privado levaria à “má educação” da pátria, continua a professora.

A profissão e a autoria em alguns textos existentes da Revista marcam a conduta dessa mulher, que com uma visão distinta das mulheres contemporâneas de sua época denuncia: “[...] Seríamos um povo mais próspero, si o elemento feminino, maior que o outro, agisse em todos os ramos da atividade humana” (Revista Evolução, n. 1, 1931, p. 6). Mais que uma equidade entre os sexos, a professora parecia encampar as causas de um feminismo que buscava dar ênfase ao papel da mulher, mesmo admitindo ser mais comum encontrá-la sobre o julgo dos homens.

Se a moça Rica perde seus pais, sua herança cai nas mãos de um tutor indolente ou de um esposo estroina, e, em poucos dias a fortuna desaparece; então a infelicidade bate-lhe à porta. Si a das outras classes ficam órfãs, têm sua subsistência a custo de subscrições nascidas de almas generosas e filantrópicas, enquanto não surge um casamento que às tire de tamanha humilhação! Sujeitam-se às vezes a casar sem a

mínima parcela de amor, sacrificando assim sua felicidade, tão somente para terem o pão cotidiano e adornos com que se apresentem no palco da sociedade, dissimulando ao público o que vai de tortura âmbito do coração. E forçoso é dizer, estas ainda são as mais felizes. (Revista Evolução, n. 1, 1931, p. 6).

Esse olhar diferenciado entre seus pares nos faz indagar o que lia Francisquinha Amorim? Integrante da “Ala feminina Clara Camarão”¹², as fontes consultadas ainda nos deixam entrever que ela podia recorrer às ideias de Maria Montessori¹³, que considerava “[...] contraproducente a educação nas escolas que condenam as alunas a passar o dia sentadas nos bancos, privadas de qualquer movimento” (idem). Para a professora Francisquinha, Montessori acharia que “Suavizar a educação deixando uma grande parte da obra educativa à própria natureza, è tão necessario, como não arrancar violentamente a criança dos braços maternos, para manda-la à escola” (ibidem).

Em contrapartida a tais discursos, encontramos artigos publicados na Revista Evolução que reiterava certos posicionamentos patriarcalistas, como cita J. Lopes de Andrade, que em “As mulheres e os livros” relata:

Essas raparigas divertidas, muito alegres, são parecidas com os livros humorísticos: – nos despertam curiosidade, queremos lê-las a tudo custo [...]. As mulheres sisudas, no mais das vezes severas, assemelham-se demais aos livros de direito – só as consultaremos em caso de questões ou para recordarmos alguma coisa que havíamos esquecido anteriormente. Essas donas de casa sempre prontas á nos aconselharem, querem tomar as formas de um romance: – são bondosas, pacientes e muito boas conselheiras [...]. E essas velhas que usam olhos, carrascas e caprichosas de propensão, para as quais nada está bem feito, iguala-se perfeitamente ao livros de críticas: – querem que tudo lhes sejam subordinados. Convem advertir aos leitores que esta ultima especie citada pelo autor, nunca é mais, nem menos que uma sogra. (Revista Evolução, n. 6, 1932, p. 27).

Comparadas aos livros e não relacionadas por lê-los, as mulheres aparecem nesses textos em tom humorístico, como criaturas complexas difíceis de entender. As representações sobre as mulheres professoras acabavam desenhando, em sua grande maioria, as feições de mulheres a partir das funções do ser mãe e esposa.

4 Rabiscando e desenhando o perfil e a cultura escolar das normalistas campinenses

O caminho detalhado de escrita dos perfis das normalistas, a partir das matérias dispostas na Revista e no Jornal Evolução, nos possibilita ainda termos outros elementos para historiografar traços da cultura escolar dessa instituição. Percebidos nas falas e entrelinhas, por meio das caracterizações

¹² Clara Camarão era uma índia potiguar, casada com Antônio Felipe Camarão, herói da guerra contra os holandeses. Ela costumava acompanhar o marido nos combates, rompendo a ideia de que o lugar da mulher estava no lar.

¹³ Maria Montessori foi uma educadora italiana, que nasceu em 1870 e morreu em 1952. Foi a primeira mulher a doutorar-se em medicina pela Universidade de Roma. Aos 25 anos começou a dedicar-se às crianças com problemas de aprendizagem.

narradas sobre o comportamento das colegas, esses dados nos auxiliam a imaginar momentos do cotidiano escolar.

Pensando na minha classe...

Vou, ligeiramente, dar o perfil dos meus inesquecíveis colegas de classe. ADELIA: Gaiata, leva de vez em quando uma repreensãozinha na classe. É louca pelo <francês> mas é realmente vadia. JANETE: Que posso dizer desta minha vizinha? Vive constantemente a ageitar suas belas madeixas. Vaidosa... outrora era mais dedicada ao estudos. Gosta muito dos penteados modernos!... IVANETE: Sonsa... vez por outra bota sua unhazinha de fôra... Essa nossa colega é impressionada com o aperfeiçoamento de sua plástica. Tem horror á gordura e está sempre a me perguntar: <Eu estou mais magra?>. GUIA: Que posso dizer de você? Que não gosta muito do uso do pente e é uma boa jogadora de <academia>. Você precisa ser um pouquinho vaidosa. STELA: Baixinha, olhos grandes e expressivos. Ela as vezes é impagável. Esta sempre a nos fazer rir. Estuda mais <corografia>, minha Stela. OLIVIA: Gorda e corada. É amiga inseparavel de Normanda. Quando está zangada fica tão vermelha como um camarão. ANTONIO: Nosso presado colega. Ele não pode dar nenhum <sopro> nas lições ás colegas, porque quando fala é mesmo que um trovão, os professores ouvem logo a sua voz (...) (Clarinda Falcão. Evolução Jornal, 19 de agosto de 1934).

Desde o platônico amor pelo professor de Francês às intrigas comuns entre alunas que convivem mais entre si do que com os próprios familiares, estes e outros traços são comuns no cotidiano escolar da Escola Normal. Se gorda e brava ou magra e vaidosa, àquela que se identifica com o esporte ou ainda aquela que gosta de estudar, inúmeros e diversificados são os perfis das normalistas encontrados. Mesmo apesar da rígida disciplina, algumas transgressões continuam vivas na escola, como a famosa “cola” ou ainda a “impertinente” conversa nas aulas, causa das repreensões dos professores. Naquela turma existia apenas um único homem normalista, que junto com as demais alunas da turma acreditava ter um destino educacional heroico.

Como alunas e professoras, as normalistas eram concebidas historicamente como exemplos de mulher à Pátria, educadoras que heroicamente doavam a vida ao magistério, instruindo o povo brasileiro. No entanto, além de “guardiãs do opulento tesouro” educacional, também eram meninas que frequentavam a escola e realizavam travessuras sutis, comuns à idade de moçoilas que aspiravam à paquera e o namoro. Fiscalizadas por um código disciplinar e modelar, essas meninas normalistas ainda enfrentavam prescrições para além do conteúdo curricular, que impunham moda a corpos magros e hígidos.

Conselho Higienico

Dos pés até a cabeça/ Traze o corpo bem lavado
_Quem apenas lava a cara não passa por asseiado.
Deita-te cedo, meu filho/ Ergue-te cedo também.
_Quem assim faz e trabalha/ Mui bela saude tem.
Deves usar sempre largo/ Todo o teu fato e calçado;

O sangue não gira bem/Quando o corpo anda apertado.
A casa em que morares/ Deve ter sol e muito ar.
De casa que assim não seja/ Deves-te logo mudar.
Evita dentro de casa/ Toda a poeira e mau cheiro;
E não durma no teu quarto/ Sem o arejar primeiro.
Essencias, flores e plantas/ Cujo aroma é de encantar.
No teu quarto não as queira/ Quando te fores deitar.
(Norma Carlos da Silva, Revista Evolução, n. 2, 1931, p. 19).

O banho, a hora de dormir, as roupas e os sapatos a serem utilizados eram ações diárias aparentemente irrisórias que traduzem o ambiente doméstico, mas que se tornavam também alvo de regulação. Apontada na Revista do Ensino, essa educação voltada à higiene era fruto da “[...] soma de experiências, na escola ou em qualquer lugar, influenciando favoravelmente hábitos, atitudes e conhecimentos relativos à saúde do indivíduo, da coletividade e da raça” (Ano X, n. 17, 1942, p. 37). Por ela, aspectos de “[...] saúde física, mental, social e moral” (idem) eram promovidos, gerando a formação de uma “consciência de saúde” que fosse capaz de inculcar nas alunas a necessidade de cooperação com a coletividade.

Atrelada também a uma questão de estética, a higiene do corpo determinava a beleza da normalista, assunto cogitado no Evolução Jornal.

Mais cuidado com os cabellos – Conselho as moças

Nesta página, que me foi gentilmente reservada pelo director da EVOLUÇÃO, com a advertência apenas de versar sempre pelo assumpto de interesse para os educandos, procurarei dar, em linguagem simples e despretenciosa, noções úteis sobre questões de hygiene, escolhendo de preferência as que dizem respeito ao asseio corporal. Começarei por falar do cabelo, o orgam mais maltratado do corpo humano, mostrando os cuidados que devem ser seguidos para sua perfeita conservação. A raspagem e o córte em nada influem na sua forma e crescimento [...] E’ de costume da nossa gente, em todas as classes sociaes, untar constantemente os cabellos com óleos e brilhantinas, a pretexto de evitar que fiquem seccos. Nada mais errôneo e prejudicial. [...] O ensaboamento da cabeça é outra cousa que precisa ser feita com cuidado e parcimonia. Seu uso imoderado é prejudicial [...] (Elpídio de Almeida, Revista Evolução, n. 1, 1931, p. 14).

O cabelo, como a moldura do rosto, deveria estar bem limpo e sedoso, pois era marca e crivo da feminilidade da mulher. Além do mais, uma boa imagem implicava no aumento das possibilidades de casamento, visto que a escola normal foi durante muito tempo interpretada como um espaço de preparação da mulher para a sagrada missão de educar e do casar. Nesse sentido, Souza (2006, p. 75) enfatiza que “[...] a Escola Normal voltava-se para a educação feminina como parte do projeto civilizador da nação e cumpre funções de educar e instruir as futuras esposas e mães, as donas de casa

encarregadas da educação familiar [...]”. Além dessas proposições, outras questões eram condições de nota na Escola Normal João Pessoa, é o que cita Lígia Loureiro¹⁴ (*apud* OLIVEIRA, 2009, p. 24):

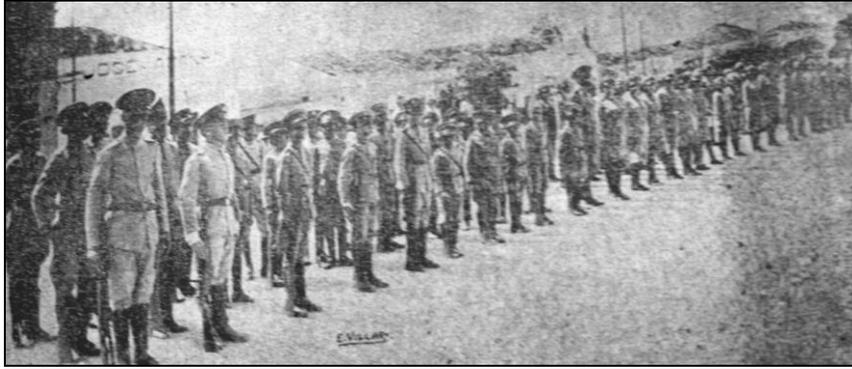
No quesito *asseio*, eram verificados o conjunto do fardamento (sapatos engraxados e bem lustrados, situação das meias, se as pregas das saias estavam batidas, se a roupa estava limpa e se a farda estava completa). Quanto à *ordem*, os inspetores e professores observavam a condição do material escolar (se os cadernos estavam limpos, se o lápis e a borracha estavam mordidos e se os tinteiros/canetas não deixavam marcas nos dedos ou manchas nos cadernos). Sobre a *disciplina*, eram avaliadas tanto a assiduidade quanto a pontualidade, bem como o comportamento em sala de aula. No quesito *urbanidade*, nós éramos avaliados quanto ao trato com os colegas, professores e funcionários do Instituto.

Essa urbanidade, ordem, disciplina e asseio passaram a ser imperativos nas escolas normais. Todas as suas atividades – teatro, exposição de artes plásticas, trabalhos manuais e prendas domésticas (richelieu, bordado, desenhos e pontos diversos) música e canto orfeônico – se traduziam em grandes eventos e comemorações, que faziam parte do calendário de festividades da escola. Algumas dessas atividades tinham teor filantrópico, arrecadando apoio financeiro para o recém implantado Hospital Pedro I, em 1931.

Uma festa de arte dos alunos do Instituto Pedagógico. A sociedade campinense teve mais um ensejo de assistir a festa artística que foi levada na 3a.feira, ao teatro Apolo, pelos alunos e docentes do Instituto Pedagógico. Como de sempre, todas as festas promovidas por aquêl educandário, se revestem de miríficos encantos que põem em relevo o grau de cultura daquele ambiente onde há distinção e expressivo gosto pela educação moral e intelectual dos educandos. Vários números foram apresentados com interpretação que demanda índice de marcada cultura espiritual. (Revista Evolução, n. 3, 1931, p. 8).

Tais festividades faziam parte do cronograma de atividades extracurriculares da escola e, para Silva (2011), elas podem significar ambientes carregados de simbolismos, que difundiam valores e condutas, no intuito de reforçar os ideários nacionalistas. Tais momentos culturais devem ser considerados como partícipes de uma cultura educacional e histórica, que indicam concepções de ensino, de escola, de aluno/a e de profissão docente existentes em um determinado período, e que são lançados nas ocasiões festivas, constituindo uma memória histórica. Como registro de mais uma solenidade, está a foto a seguir, que traz a legenda: “Um aspecto da formatura escolar do Instituto Pedagógico, em parada militar no dia 06 de Setembro último, vendo-se o pelotão feminino da Escola Normal “João Pessoa”, anéxa àquele educandário”.

¹⁴ Em entrevista concedida a Burity (2009). Aluna normalista do Instituto Pedagógico e ex professora do Colégio Alfredo Dantas.



Fonte: Revista Evolução, n. 2, 1931, p. 7.

Apesar da baixa qualidade visual, foi nosso propósito trazer essa imagem com vistas a apresentar ao leitor a figura de mulheres vestidas de soldado, padronizadas em roupas e gestos a tal ponto de passarem despercebidas como mulheres na fotografia. Nessa ocasião, quepes e cabelos presos retiravam da normalista toda a vaidade feminina, deixando ressaltar como centro da solenidade os festejos da pátria.

A formatura das normalistas era o grande ápice do momento de conclusão do curso. Significativa era a projeção que essa solenidade adquiria no Instituto e na cidade de Campina Grande, que raramente vivia “[...] momentos de tanto júbilo, como aquele em que representada por todas as suas classes sociais, assistiu no último domingo a cerimônia empolgante da formatura de suas jovens [...]” (Jornal Comercio de Campina, 17 de dezembro de 1932).

Constituiu alto acontecimento social, inteiramente inédito para nossa terra, a colação de grau da primeira turma recentemente diplomada pela <Escola Normal João Pessoa>, dirigida pelo benemerito diretor Alfredo Dantas Correia de Goés. [...] Precisamente as 14 horas, o Sr. Interventor Interino Dr. Argemiro de Figueiredo, subindo ao palco onde já se encontravam o director da Escola Tenente Alfredo e a secretaria Maria Coutinho de Albuquerque, procedeu-se a chamada das diplomadas Euná Paiva de Oliveira, Herothides Matias de Oliveira, Nair Gusmão, Carmem Eloy de Almeida, Maria de Lourdes Andrade, Noemi Carlos, Isaura Galvão e Adelia Araújo. [...] Procedeu-se então a cerimônia de colação de grau, sob juramento regulamentador recitado por uma das diplomadas e referendado pelas demais, fazendo logo o Sr. Interventor entrega do anel simbólico e respectivo diploma a todas as jovens professoras. (Jornal Comercio de Campina, 17 de dezembro de 1932).

Assim deu-se a formação da primeira turma de “professorandas” do Instituto, que teve como paraninfo o professor Manoel Almeida Barreto. Mas não terminou aí, seguindo para o Grêmio Renascença²⁷ onde foram novamente homenageadas. Frutos “[...] do labor abnegado e do sacrifício glorioso desta fé que abala as montanhas, com que o tenente Alfredo Dantas levou a bom termo a sua

²⁷ Lugar de badalada tradição para sociedade campinense, o Grêmio Renascença é definido no Anuário de Campina Grande (1925, p. 29) como uma “[...] sociedade que tem por fim distrahir aos seus membros, desenvolvendo a sociabilidade entre os mesmos”. Tinha como diretor, em 1925, o coronel Ernani Lauritzen e vice presidente Dr. Severino Cruz.

obra de paternal educador” (Jornal Comercio de Campina, 17 de dezembro de 1932), as normalistas, “[...] aptas para o árduo apostolado da desalfabetização”, dedicam parte de suas homenagens ao tenente colocado como “[...] um espírito que se imola pela vida do Instituto”. Com essa formação, também damos ensejo ao fim deste artigo, que trouxe a instituição a partir de suas próprias produções. Preocupada com as questões da higiene, da educação física, da formação do professorado campinense a partir de novos métodos, a Escola Normal João Pessoa estava atravessada por narrativas de meninas em fase de profissionalização, que, apesar da pouca idade, já sentiam o peso da atribuição social que a pátria havia lhe destinado.

ABSTRACT: The Normal School João Pessoa worked in the 1920s to 1940s, the formation of teachers in Campina Grande-PB. In this article, we seek to develop a facet of this institution’s history from announcing their sources – the Magazine and the Journal Evolution, emphasizing from the discussions related to the curriculum to issues involving their school culture. School attached to the Pedagogical Institute, reference primary school in pedagogical modernity in the city, this school articulated in its precepts values and educational proposals that circulated nationally, aimed at patriotic stimulus and hygienic premises, giving rise to a nationalist and health education.

Keywords: Normal School, patriotic education, hygiene.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, V. G. Alfabetizando os *filhos da Rainha* para a civilidade/modernidade: o Instituto Pedagógico em Campina Grande (1919-1942). **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014, 302p.

ALMEIDA (2006), J. S. Mulheres na Educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANNI, D. [et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 60-107.

EVOLUÇÃO JORNAL. Campina Grande, 1934.

JORNAL COMERCIO DE CAMPINA. Campina Grande, 1932.

KULESZA, W. A. **O currículo da Escola Normal: feitiço e tendências**. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/337WojciechKulesza.pdf>>. Acesso em: 04/06/2014. p. 3762-3772.

NAGLE, J. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, I. B. Alfabetizando a Rainha com o bisturi do progresso: práticas médico-higienistas e educação primária em Campina Grande (1920-1940). In: SOUZA, A. C.; DANTAS, E. OLIVEIRA, I.; ANDRADE, J. **Cultura e cidades**. Campina Grande: UFCG, 2009.

REVISTA EVOLUÇÃO. Ano 1, ns. 1 a 9, 1931-1932.

REVISTA DO ENSINO. Anno III, n. 8 e 9, março de 1934; Ano X, n. 17, 1942.

RIBEIRO, G. D. Sacrifício, Heroísmo e Imortalidade: a arquitetura da construção da imagem do presidente João Pessoa. **Dissertação** (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

RODRIGUES, J. E.; GAUDÊNCIO, E. O.; ALMEIDA FILHO, S. **Memorial Urbano de Campina Grande**. Prefeitura Municipal de Campina Grande, 1996.

SILVA, V. C. Ó pátria amada, idolatrada, salve! Salve! Festas escolares e comemorações cívicas na Paraíba (1937-1945). **Dissertação** (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SOUZA, R. F. de. Lições da escola primária. In: SAVIANI, D. *et al.* **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 109-161.

VAGO, T. M. Reformas do corpo na escola. In: FILHO, L. M. de F. *et al.* (Org.). **Reformas educacionais no Brasil: democratização e qualidade da escola pública**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010a. p. 81-129.

Recebido em: 10/10/2016

Aprovado em: 10/12/216